

Dinheiro
ECONOMIA
Publica
Superavit
primário
**deve ir a 6%,
 diz Werlang**

ALUISIO ALVES
 CAMPOS DO JORDÃO (SP)

O Brasil pode alcançar em 2007 indicadores similares aos de países incluídos pelas agências de rating na categoria de “grau de investimento”. Mas, para entrar nesse grupo, o País precisa agir mais intensamente para corrigir suas contas fiscais, quer dizer, a “vulnerabilidade interna”. A análise, do diretor-executivo do **Banco Itaú**, Sérgio Werlang, foi feita ontem no 2º Congresso de Derivativos e Mercado Financeiro. Werlang sugeriu a elevação da meta governamental de superávit fiscal primário dos atuais 4,25% para 6% do PIB. “É uma proposta equivalente à de déficit nominal zero”, disse, referindo-se à tese defendida pelo deputado federal Delfim Netto (PP-SP). Para Werlang, o processo deveria ser acompanhado de reformas estruturais, como a do Judiciário, e de maior abertura comercial.

Outros economistas que participaram do congresso trilham caminho parecido. O Brasil deve adotar a abertura unilateral nas relações comerciais, afirmou o professor Affonso Celso Pastore. Em sua opinião, obtido um nível satisfatório de exportações e de superávits, o País deveria conceder uma liberalização adicional para as importações de máquinas, o que teria um feito benéfico duplo: elevar a formação bruta de capital fixo e reduzir a valorização do câmbio. “Esse é o melhor caminho”, disse Pastore. Mas a análise foi combatida pelo ex-ministro da Agricultura, Marcus Vinicius Pratini de Moraes, para quem o Brasil é alvo de pesadas e injustas barreiras tarifárias sobre o agronegócio, um dos setores em que o País é mais competitivo.

O diretor de pesquisa econômica em mercados emergentes do **Goldman Sachs**, Paulo Leme, afirmou que ações desencontradas na condução da política econômica têm impedido o Brasil de obter resultados mais satisfatórios na economia. Segundo ele, fatores como a expansão do crédito e a manutenção de gastos correntes têm anulado o efeito do aperto monetário do BC — e juro alto aumenta o endividamento, reduz investimentos, atrai capital especulativo, valoriza o câmbio. Leme sugeriu “harmonizar a política”, entre outras coisas elevando o superávit para 5% do PIB, estimulando importações, comedimento no crédito.